

ENSINO AFETIVO DA TEOLOGIA E EMPATIA EM EDITH STEIN

AFFECTIVE TEACHING OF THEOLOGY AND EMPATHY IN EDITH STEIN

Lázaro Ilzo Daniel¹
Marcelo Paulo Cenci²

RESUMO

O presente artigo trata do ensino afetivo da Teologia a partir da noção de empatia em Edith Stein. Tem por objetivo, a partir de revisão de literatura acerca do tema, propor pistas para um ensino afetivo da Teologia que leve em consideração a noção de empatia proposta pela filósofa e educadora. Levantou-se diferentes estudos referentes ao tema da empatia a partir de Stein, para explicar o conceito do ato de empatizar e relacioná-lo ao contexto do ensino, bem como estudos acerca da afetividade no ensino superior e no ensino da Teologia, norteados pelas reflexões de Restrepo (1998) e Boff (2015). A partir da análise da literatura selecionada, apresentou-se as pistas para um ensino “empático-afetivo” que consideram os graus do ato de empatizar, a dimensão emotiva-afetiva na educação e o papel da linguagem. Concluiu-se que, não só é possível pensar um ensino afetivo a partir do conceito de empatia, como se mostra necessário considerar essa perspectiva ao visar uma formação integral do ser humano.

Palavras-chave: Educação; pedagogia empática; afetividade; formação integral.

ABSTRACT

This work is about affective teaching of Theology based on the notion of empathy of Edith Stein. Its objective is to propose ways of affective teaching of Theology considering the notion of empathy proposed by the philosopher and educator. The objective is accomplished by bibliography review that considers studies about the conception of empathy in Stein and its relation with education. It also considers studies about affectivity in higher education and in Theology education, guided by reflections of Restrepo (1998) and (Boff) (2015). After the literature review, and respective analysis, it proposes some ways for an “empathetic-affective” teaching which consider the degrees from the act of empathize, the emotional-affective aspect in education and the relevance of language on this

1 Estudou Filosofia no Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima (1992-1994) e obteve o certificado de Habilitação na disciplina de Filosofia, equivalente à Licenciatura Plena pela Faculdade Entre Rios (2015). Estudou Teologia no Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima (1995-1996) e no Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Redemptoris Mater (1998-1999) e obteve a convalidação em Teologia (Bacharelado) pela Faculdade Entre Rios (2015). Doutorado em Teologia pela Facolta di Teologia di Lugano (2010) revalidado pela PUC/RJ (2016); Mestrado em Teologia Dogmática pela Facolta di Teologia di Lugano (2003), revalidado pela PUC/RJ (2016); Graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Claretiano (2017); Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2017) (a modo de segunda graduação) e Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo (2019) (a modo de segunda graduação). Fez Pós-Doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2018-2019).

2 Graduado em Filosofia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina/Campus Chapecó (2002) e mestre pela Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (2004). Doutor em Filosofia pela PUCRS e PUC-Chile (sanduíche) (2015). Como bolsista da Alexander von Humboldt Stiftung, realizou Pós-Doutorado na Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn (2015-2016).

context. It concludes that it's possible and necessary to think about affective teaching, even in higher education - especially when it's imperative to promote integral education.

Keywords: Education; empathetic pedagogy; affectivity; integral education.

INTRODUÇÃO

O que se deve considerar no ambiente acadêmico? Que tipo de formação é capaz de alcançar o ser humano em sua integralidade? Questões como essas, que visam aprimorar a educação, levam às investigações sobre a forma de proceder dos docentes em geral. Motivados pelas considerações de Edith Stein³ sobre a empatia, e a possibilidade ou mesmo necessidade de um ensino afetivo, levantada por Luis Carlos Restrepo na obra *Direito à Ternura*, elaboramos o presente trabalho com objetivo de apontar caminhos para o ensino da Teologia por meio de uma abordagem afetiva que leve em consideração a noção de empatia segundo Edith Stein.

O ato de empatizar, na perspectiva de Edith Stein, é próprio do ser humano. Por meio dele a pessoa é capaz de tomar consciência de si e do outro. Pressupõe-se que a empatia possibilita uma forma de conhecimento da experiência do outro que não deve ser ignorada no contexto acadêmico, no qual não deixa de existir, visto que se dá na perspectiva das relações humanas. A empatia no contexto educacional pode ser pensada tanto naquela que se dá entre o professor-estudante, bem como naquela entre estudante-estudante, podendo ser considerada também uma mediação do professor nessa última relação; no caso da Teologia, ainda na relação do teólogo com o objeto de estudo.

Peretti (2010) afirma que a atitude empática é fundamental na relação educativa, pois permite “conhecer e compreender o interlocutor a partir de sua experiência e do seu estado de ânimo” (PERETTI, 2010, p. 204). Segundo a autora, a empatia também permite que se faça uma distinção entre o que é originário e o que não é originário num ato educativo, possibilitando o encontro com o outro.

Ao tratar de empatia, entra-se no campo fenomenológico que descreve os estados de ânimo e as emoções, muitas vezes ignorados na realidade de ensino, especialmente nos anos mais avançados da educação. Reduzir o ensino a um caráter puramente intelectual pode limitar a educação com finalidade de formar integralmente o ser humano, sendo questionada, aqui, uma pressuposta necessidade de afastar qualquer aspecto emocional-afetivo do conhecimento científico. Nesse sentido também aparece a importância do corpo na manifestação das emoções e sua relevância no contexto educacional.

A partir das considerações sobre a importância da afetividade na formação do ser humano, se pode pensar sobre o ensino da Teologia nas particularidades próprias dessa área de conhecimento, cujo objeto de estudo pode ter atribuído a si a capacidade inerente de afetar o homem. Essa atribuição foi levantada por BOFF (2015) no artigo intitulado *Teologia e espiritualidade: por uma Teologia que ilumina*

³ O seguinte trecho de Peretti (2018) nos ajuda a esclarecer porque pensar em educação a partir de Edith Stein: “Em tempos complexos e paradoxais nos quais vivemos na atualidade, são relevantes as contribuições da fenomenóloga alemã Edith Stein ao campo educacional. Figura de pensamento multidisciplinar, Stein apresenta a transversalidade em áreas como a pedagogia, antropologia, psicologia, filosofia e teologia. (...) A obra de Edith Stein salienta a primazia da pessoa humana como singularidade, inserida na comunidade, destacando um processo de desenvolvimento antropológico e pedagógico integral e integrador” (PERETTI, 2018, p. 25)

a mente e inflame o coração. Nele, ao tratar da Teologia, embora mais especificamente da Teologia cristã, o autor pretendeu mostrar que a espiritualidade é uma dimensão intrínseca de toda Teologia que não só não prejudica a cientificidade como é exigência para ela, concluindo assim que o lado afetivo ou experiencial da Teologia “não se agrega simplesmente ao racional, mas se integra a ele, conferindo-lhe intensidade e vivacidade”⁴. Isso porque, e diferente do objeto de outras ciências, a relação de estudo se para com alguém e não para algo, e esse alguém é próprio Deus.

A presente pesquisa se justifica por se acreditar que a investigação aqui feita trabalha por uma contribuição à formação dos docentes de Teologia. Isso porque também o aspecto afetivo, como aponta Santos (2015) em seu trabalho sobre a afetividade enquanto facilitador do processo de aprendizagem, “é base essencial e deve fazer-se presente em todas as etapas do processo educativo, pelo fato do professor ser o responsável pela consolidação de uma relação de ensino e aprendizagem saudável” (SANTOS, 2015, p. 61). Embora o trabalho da autora tenha focado principalmente no desenvolvimento da aprendizagem da criança, ela destaca que os estudos apontaram que a relação com o outro e a formação dos vínculos afetivos são “necessários e fundamentais para ampliar a capacidade cognitiva da criança e do indivíduo de forma geral” (SANTOS, 2015, p. 61)⁵.

Em revisão de literatura recente acerca do tema afetividade e ensino superior, Silva e Ribeiro (2020) adotaram como problemática fundamental a importância que a relação estabelecida entre o professor e estudante do ensino superior tem para a vida acadêmica do universitário. Da análise das autoras resultou que também concluíram que a relação professor-estudante precisa ser construída com base no diálogo, na troca de experiências e na afetividade.

Independentemente de uma consciência da realidade afetiva, assume-se que afeta-se e se é afetado ao ensinar e aprender, e é limitante considerar que a educação realize, tão somente, uma contribuição “puramente intelectual” aos que participam de um processo de aprendizagem. Por isso se faz necessário e válido investigar os meios pelos quais se pode desenvolver o conhecimento (no que se é levado a pensar a respeito da empatia) e de que maneira, no processo de aprendizagem, a afetividade ocupa importante papel na formação.

Além desta seção introdutória, que apresenta a contextualização do estudo e a justificativa para a realização, o trabalho é composto por uma seção para tratar da metodologia empregada, duas seções teóricas que compreendem os dados levantados, uma seção de análise e a seção de considerações finais.

As seções 3 e 4 tratam da fundamentação teórica por trás do conceito de empatia, a partir de Edith Stein, e do conceito de afetividade, numa perspectiva pedagógica, bem como da necessidade de um ensino que considere o afeto como parte fundamental da educação também em nível superior.

A seção 5 apresenta pistas para a construção de propostas pedagógicas que considerem a afetividade, a partir da noção de empatia em Edith Stein. Trata da análise e o resultado dela a partir das seções anteriores.

A seção 6 é a das considerações finais do artigo, no qual conclui-se que é possível pensar num ensino afetivo da Teologia a partir do conceito de empatia em Edith Stein, a partir de pistas que estimulem o alcance do último grau do ato de empatizar durante o processo de aprendizagem.

4 Trecho retirado do resumo do artigo.

5 Isso porque a história da vida do ser humano se constrói por momentos afetivos que se estendem por toda a vida.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza básica, de abordagem qualitativa e exploratória, de caráter principalmente bibliográfico. Casarin e Casarin (2012) ressaltam que, independente do título e do tema pesquisado, “os objetivos de uma pesquisa qualitativa envolvem a descrição de certo fenômeno, caracterizando sua ocorrência e relacionando-o com outros fatores” (CASARIN e CASARIN, 2012, p. 33). Existe a preocupação, nesse tipo de pesquisa, de explicar a ocorrência de fenômenos em modelos contextuais variados. Aqui nos dedicamos a analisar a empatia e a afetividade no contexto de ensino de Teologia.

Para realizar o presente trabalho, em um primeiro momento buscamos levantar referencial teórico relativo à empatia e à empatia e educação, sempre sob a perspectiva do pensamento de Edith Stein. Além da própria tese doutoral sobre o problema da empatia (STEIN, 2004), é parte do *corpus* escolhido para a presente pesquisa a dissertação de mestrado de BAREA (2015) e o artigo de PARISE (2018), ambos dedicados a explicitar, refletir e captar a essência do pensamento desenvolvido por Stein acerca da empatia. O artigo de PARISE (2018) é um dentre os que foram selecionados da obra *A Arte de Educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein* (DULLIUS; PERETTI; 2018). O livro das organizadoras Dullius e Peretti contém as principais referências desse trabalho responsáveis por auxiliar na relação entre a empatia e a educação.

Após as discussões sobre a empatia, chegando-se às considerações sobre afetividade, apresentamos as críticas levantadas por Restrepo (1998) a uma realidade social, especialmente do conhecimento científico, que procura afastar a afetividade como se ela se impusesse contrária à formação. Também apresentamos as considerações de Boff (2015) acerca da necessidade de uma teologia afetiva, em especial considerando o próprio objeto de estudo dessa ciência.

Por fim buscou-se, a partir de reflexão do levantamento realizado nas seções anteriores, pensar em possíveis pistas para se pensar um ensino afetivo da Teologia a partir da compreensão da empatia em Edith Stein, e ao fim apresentar as considerações finais do estudo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE EMPATIA, A PARTIR DE EDITH STEIN, E O ENSINO

O que é a empatia? Pode ser a empatia considerada presente no ensino? Que papel ela desempenha ou pode desempenhar no contexto de ensino? São essas questões que se pretende desenvolver nesta seção, a partir do pensamento de Edith Stein e de outros autores que refletiram sobre as considerações dessa santa mártir católica, filósofa e teóloga.

Sobre o tema da empatia, Edith Stein se debruçou em tese doutoral publicada (em partes) ainda nas primeiras décadas do século passado. Reconheceu como problema fundamental a questão da empatia como sendo um ato de experienciar sujeitos alheios e seu vivenciar⁶. Isso porque o pressuposto básico de toda a controvérsia sobre a empatia é o de que somos colocados diante de sujeitos alheios a nós bem como diante das vivências deles originárias, e a maneira como os percebemos pela empatia não é igual a percepção que podemos ter de coisas externas (diante de coisas, objetos, enfim, de tudo aquilo que não percebemos como dotado de um “Eu”).

6 “Como problema fundamental reconocí la cuestión de la empatía como experiencia de sujetos ajenos y de su vivenciar” (STEIN, 2004, p. 17).

A esse respeito vale ressaltar o que Parise (2018) destaca sobre as considerações de Stein, na tese doutoral *Sobre el problema de la empatía*, acerca da essência da vivência empática:

A essência da vivência empática é descrita inicialmente em seu sentido mais geral, tal como se manifesta para a consciência, contrapondo-se ao ato de perceber algo fora de si. A nossa primeira tendência é identificar a percepção que temos da vivência alheia com a percepção que fazemos das coisas externas, como se a capacidade de apreender o estado de ânimo de outrem pelos traços do rosto, pela voz etc. Isso não é totalmente incorreto, pois a capacidade que temos de perceber o que a outra pessoa está sentindo leva em consideração a dimensão da corporeidade alheia, mas o modo como captamos a vivência empática não se dá em uma relação direta com a observação das características físicas, tal como ocorre quando percebemos um objeto físico fora de nós. Isso ocorre porque já em um primeiro momento o Eu percebe que está frente a um Eu que tem sentimentos próprios e não a uma coisa, e esses sentimentos comunicam algo. (PARISE, 2018, p. 85)

A partir do trecho acima, temos que o ato de empatizar se diferencia da nossa percepção de coisas externas pela percepção que se dá ao estarmos diante de uma pessoa, pois nos vemos diante de um outro “Eu”, que tem sentimentos e vivências próprias. No ensino, há essa possibilidade de compreensão do estar diante de outro Eu com experiências diversas se dá na relação professor-estudante, bem como na relação estudante-outros estudantes. Em Teologia, como se verá na próxima seção, pode-se pensar ainda na relação entre o estudante e/ou professor e o objeto de estudo da Teologia.

Quanto à maneira como o ato empático pode se efetivar, Parise (2018) destaca que, para Stein, existem três graus identificáveis na estrutura do ato empático: No primeiro grau do ato empático apreende-se a vivência de outrem por alguns sinais, da mesma forma com que se percebe os objetos externos. É o grau da “aparição da vivência alheia”, da percepção do estado de ânimo de alguém por uma “leitura”.

Pode-se parar o primeiro grau ou avançar ao segundo grau, que compreende o momento que se procura apreender de modo mais claro o estado de ânimo daquele outro Eu, deixando a vivência de ser vista como um objeto e sendo transferida ao interior de quem realiza o ato empático, enquanto sujeito. É o momento da “explicação preenchedora”. Essa identificação, no entanto, não é uma vivência originária do estado de ânimo alheio.

O terceiro grau do ato empático é aquele em que, tendo-se conseguido abarcar o sentido de tal vivência alheia percebida no outro, passa-se a ter uma “objetificação compreensiva da vivência explicitada” (PARISE, 2018, p. 88). A partir deste grau, compreende-se, sabe-se e se experimenta a vivência do outro, mas não da mesma forma como ela é vivida pelo outro, pois apenas se pode compreender o conteúdo da vivência.

Para que a empatia se efetive é necessário considerar ainda a dimensão da corporeidade. Na visão de Edith Stein, não é possível efetivar uma percepção progressiva do outro sem o corpo, que não é apenas um corpo físico, mas um corpo próprio dotado de sensibilidade (BAREA, 2015, p. 46-47). É através da corporeidade que se aperfeiçoa e se alonga o conhecimento (BAREA, 2015, p. 51).

Na relação do corpo próprio, ponto de orientação zero⁷, e ao tratarmos de empatia, ganha especial

7 Sobre o ponto zero de orientação, assim considera Parise (2018): “Visto que a consciência do corpo vivenciado não pode ser constituída (...) apenas pela percepção externa, é preciso examinar se ela não se constitui também pelo *modo* como

relevância a questão da expressão dos sentimentos e suas formas de manifestação. Mas antes de tratar da expressão, é importante destacar que ela, vinculada à corporeidade, não é unicamente psicofísica, mas aponta para o âmbito espiritual. Barea (2015) aponta que Stein identifica duas dimensões de sentimentos na constituição da singularidade de cada pessoa, sendo uma na esfera física, outra na esfera psíquica. Nesse sentido, ainda que os sentimentos próprios a cada dimensão se entrelacem, é preciso distinguir os que proveem da dimensão física (como dor, cansaço, frio, entre outros) dos que são psíquicos (alegria, angústia, etc).

Ao corpo próprio, constituído dessas duas dimensões, em essência tem a característica de expressar os sentimentos do estado vivencial: “somos sempre instigados pelo outro, que percebe dessa nossa corporeidade traços de um sentimento próprio” (BAREA, 2015, p. 54).

Pode-se produzir de maneira arbitrária a expressão dos sentimentos e além disso o ser humano tem a possibilidade de “tornar as expressões apreendidas por meio do seu corpo vivenciado ‘um objeto intencional em sentido próprio’” (PARISE, 2018, p. 106). Assim, levanta-se a questão de que o sentimento interno prescreve a forma de expressão a ser adotada a partir de uma motivação vinculada a um ato da vontade.

Barea (2015) aponta que para Stein não existe um modo específico de expressar-se e a expressão é fruto de uma singularidade pessoal. Na expressão nem sempre se dá a apresentar com exatidão o sentimento que a provoca e a exterioridade pressupõe “a consideração do ser humano em sua singularidade, e entender como a pessoa se expressa só se possível se nos identificarmos com essa mesma estrutura” (BAREA, 2015, p. 56). Mas, pela linguagem, abre-se a possibilidade de confirmar o que foi empatizado da vivência do outro, ao questionar-se a pessoa empatizada (BAREA, 2015, p. 80).

A percepção externa, embora não suficiente para captar plenamente a vivência do outro, é constituinte do ato empático. A percepção externa da corporeidade alheia permite um conteúdo imediato, mas de inúmeras possibilidades de captação da essência a partir da empatia. Por isso a percepção interna também é de extrema relevância no ato empático. E a partir dessas distinções podemos pensar nos conceitos de originariedade, não-originariedade e cooriginariedade.

Nas vivências do ser humano, este deve se perguntar se o que está experimentando é algo de fato próprio ou se vem do outro. Parise (2018) ao tratar da questão da originariedade do ato empático, remonta ao exemplo da própria Stein sobre o captar a dor de um amigo, e sintetiza:

“(…) Edith Stein afirma que os atos empáticos nunca são originários, pois para isso teríamos de admitir a possibilidade de um indivíduo penetrar no interior de outro ou viver originariamente a vivência de outrem. (...) Quando vivo o conteúdo de uma vivência desse modo [não originário], tal conteúdo aparece sob a forma de um objeto que é compartilhado, e nesses casos podemos falar não apenas de não originariedade, mas de uma cooriginariedade de vivências atuais, tanto no âmbito de vivências do sujeito quanto na apreensão empática da vivência alheia.” (PARISE, 2018, p. 86/87).

é apreendida. A consciência percebe o corpo vivenciado de modo bem peculiar: ele lhe aparece, ao mesmo tempo, como uma unidade e constituído de diversas partes. (...) Quando digo “eu”, esse Eu se encontra sempre em um ‘ponto zero de orientação’ do meu próprio corpo, a partir do qual se relaciona com todas as coisas fora dele, no espaço. (...) Percebemos que todas as coisas exteriores são vistas como estando fora desse ponto próprio de orientação. Desse modo, a vivência da corporeidade própria já implica na vivência da individualidade de cada Eu.” (PARISE, 2018, p. 95).

Após tais considerações sobre a empatia a partir de Edith Stein, ao enxergá-la do ponto de vista da educação, pode-se considerar também a compreensão da filósofa e educadora quanto à disposição do educador, como aponta Peretti (2018) em *A Educação em Edith Stein: Breve Análise Histórica e Conceitual*. Segundo Peretti, para Stein “a disposição do educador é capaz de penetrar a alma do educando, exprimindo não só um processo de conhecimento intelectual, mas um processo original e vinculado a totalidade do sujeito. (PERETTI, 2018, p. 37).

Peretti vê, na pedagogia Steiniana, o educador como importante pilar para alicerçar as pessoas não só em conhecimento intelectual, mas também no desenvolvimento integral e transcendente do ser. Por isso, ao propor uma “pedagogia empática”, destaca que, no contexto educativo, “qualquer atividade configurada em uma ética educacional não deve subtrair-se da experiência empática” (PERETTI, 2018, p. 42). E afirma que um processo educativo que deixe de favorecer a reciprocidade nas relações sociais corre o risco de “formar sujeitos unicamente intelectivos, com ações individualistas, um saber dissociado de princípios ético e comunitários, pouco dialogais e vinculares” (PERETTI, 2018, p. 42).

A partir dessa compreensão, Peretti (2018) tece ainda o pensamento de que, no processo formativo, “o ato empático consente a abertura ao outro com afetividade”, pois “cada ato de empatia configura a apreensão de um ato sentimental e o fazemos na dimensão espiritual na medida em que nos relacionamos com o outro (...) percebendo-o como pessoal integral a integralizar-se” (PERETTI, 2018, p. 43).

A autora conclui ainda que a empatia, ao revelar a capacidade humana de transcender a si mesmo, bem como a própria condição, permite que, através da “afetividade, consciência e responsabilidade, o processo motivador do educador acessar a interioridade do educando na medida em que se abre ao vínculo” (PERETTI, 2018, p. 43).

AFETIVIDADE E EMPATIA NO ENSINO DA TEOLOGIA

Como visto na seção anterior, ao considerar que pela empatia somos capazes de nos perceber enquanto um Eu próprio diante de outro Eu, e apreender desse outro de maneira cooriginária às suas vivências, podemos ser lançados à reflexão sobre a forma como esse conhecimento é capaz de nos tocar e a importância da afetividade nas relações entre professores e estudantes, bem como dos estudantes entre si.

Em estudo sobre a afetividade na relação educativa, Ribeiro (2010) salienta que há diversos significados para o termo afetividade. Baseada em pesquisa bibliográfica e exploratória, e focada no âmbito da relação educativa, Ribeiro (2010) considera a afetividade especificamente no âmbito pedagógico, de maneira especial na relação que se estabelece entre o professor e os estudantes, definindo-a como dimensão afetiva e relação afetiva “impulsionada pela expressão dos sentimentos e das emoções e [que] pode desenvolver-se por meio da formação” (RIBEIRO, 2010, p. 403/404).

A autora destaca que diversos estudiosos (ela menciona Côté, 2002; Dias, 2003; Espinosa, 2002; Moll, 1999) consideram a afetividade como “fundamental na relação educativa por criar um clima propício à construção dos conhecimentos pelas pessoas em formação” (RIBEIRO, 2010, p. 404). Apesar dessa importância, Ribeiro (2010) aponta que a dimensão afetiva tem sido negligenciada:

“Apesar de os estudos que tratam das relações afetivas entre professores e alunos analisarem diferentes aspectos, eles chegam à mesma constatação: as dificuldades de aprendizagem dos alunos se constroem na sala de aula, na interação pedagógica e são o resultado de não ajustamento entre eles e os professores (Altet, 1994; Hess & Weigand, 1994). Muitas pesquisas mostram que a afetividade é mais negligenciada pelos professores dos níveis mais avançados, os quais são impregnados de emoções relacionadas ao poder e onde os conteúdos cognitivos são considerados mais importantes (Brodeur, 1998; Hargreaves, 2001). No entanto, garante Rios (2006, p.131), “despojada do sentido romântico de que é revestida, às vezes, a afetividade traz cor e calor à prática educativa”. (RIBEIRO, 2010, p. 405)

Na obra *O Direito à ternura*, Restrepo também assumiu uma atitude de denúncia de um modelo social que desconsidera a ternura e a afetividade enquanto necessidade para o desenvolvimento em geral, excluindo esses pontos especialmente do campo do conhecimento. Para ele, equivoca-se aquele que acredita que a expulsão da ternura é uma condição para a geração de conhecimento. Assim salienta o autor:

O que resta, no final de um período de formação acadêmica, não é só um conjunto de conhecimentos mas também, e de maneira muito especial, um conjunto de hábitos, de escrúpulos morais e comportamentos rotineiros que acabam exercendo um grande poder de regulamentação cognitiva sobre o educando. (RESTREPO, 1998, p. 15)

De fato, se considerarmos o que Edith Stein nos apresenta quanto à empatia, também ela percebe “o quanto a humanidade precisa de afeto e carinho para que possam desenvolver o melhor de sua estrutura corporal, psicofísica e espiritual” (BAREA, 2015, p. 106).

Segundo Restrepo, existe uma dificuldade em nossa sociedade de reconhecer nos espaços cotidianos em que consiste o componente afetivo e de que maneira esse componente deve ser fomentado. Ao tratar disso, ele argumenta a presença de um “analfabetismo afetivo” na cultura ocidental de maneira particular: “(...) Sabemos do A, do B, e do C; sabemos do 1, do 2 e do 8; sabemos somar, multiplicar e dividir, mas nada sabemos de nossa vida afetiva, razão pela qual continuamos exibindo grande entorpecimento em nossas relações com os outros (...)” (RESTREPO, 2015, p. 19).

Esse analfabetismo afetivo é então apontado como razão de muitos dos problemas sociais cotidianos, afetando do rico ao pobre, do iletrado ao letrado, pois todos apresentam sérias dificuldade nas relações afetivas, “provocando maus tratos os dilaceram numa frustrante solidão” (RESTREPO, 2015, p. 20).

Restrepo avalia que a dissociação entre o conhecimento intelectual e a afetividade tem impacto profundo sobre a compreensão da singularidade na formação do ser humano, pois dificulta alcançar o entendimento de que “aprender é sempre aprender com outros” (RESTREPO, 2015, p. 33). E, se pensarmos na integralidade do ser, levantada em outros momentos nesse artigo, esse outro é um ser que não vive no contexto educacional enquanto um ser que apenas pensa, mas que, enquanto pensa, sente, bem como o próprio eu que está em processo de aprendizagem ou ensino.

Se a percepção de Restrepo pode ser considerada válida para o ensino em geral, ao observar essa exclusão afetiva no ensino da Teologia, a questão ganha ainda outro componente de extrema relevância, relativo ao próprio objeto de estudo da Teologia: Deus. É o que aponta Boff (2015) ao analisar, de

maneira semelhante à Restrepo, um afastamento do caráter afetivo dos estudos da Teologia e o impacto que isso tem nessa ciência em particular: “(...) a afetividade é parte intrínseca da Teologia como ciência, justamente porque o “afetar” é algo inerente a seu objeto próprio: o Deus vivo e salvador” (BOFF, 2015, p. 117). Ele acrescenta que, ao ganhar em fervor espiritual, não se perde necessariamente em rigor racional. “(...) Ao contrário: o rigor (precisão ou exatidão da Teologia cresce na mesma proporção em que cresce seu fervor” (BOFF, 2015, p. 118).

Boff (2015) ressalta que o conhecimento chamado “afetivo” não é uma alternativa com conhecimento racional:

“Não temos, ao lado da inteligência, outras faculdades do conhecer, como o coração, o corpo e mesmo a fé. Não. O que pode fazer o coração é sentir e ainda querer, caso se identifique também com a vontade. Agora, como inteligência e vontade são faculdades entrelaçadas, o afeto pode penetrar no conhecimento, não para substituí-lo, mas para completá-lo, no sentido de intensificá-lo e reforçá-lo, torná-lo vivo e sensível. Por certo, quando associado à experiência espiritual, o saber teológico mostra-se todo animado por uma vibração íntima e intensa. Nem por isso tal saber deixa de ser rigorosamente científico.” (BOFF, 2015, p. 120).

Ele conclui assim que uma “Teologia afetiva” não é Teologia “feita graças ao afeto, mas Teologia acompanhada pelo afeto e dele impregnada” (BOFF, 2015, p. 122). Para Boff (2015), nesse sentido é necessário agregar, à dimensão teórica da Teologia, a dimensão espiritual. “A Teologia precisa convencer com o seu *logos*, mas também atrair com o seu *pathos*” (BOFF, 2015, p. 136).

No prefácio da obra *A Arte de Educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein*, também a organizadora Clélia Peretti destaca a questão do *pathos* como “uma questão tão nova quanto antiga na tradição do pensamento filosófico, teológico e poético” (DULLIUS; PERETTI; 2018, prefácio). Ela aponta que o cogito cartesiano é um exemplo de antipatia pelos afetos que “devem ser dominados pela razão”, gerando uma marginalização do *pathos*.

PISTAS PARA CONSTRUIR PROPOSTAS DIDÁTICAS QUE CONSIDEREM A AFETIVIDADE NO ENSINO DA TEOLOGIA A PARTIR DA NOÇÃO DE EMPATIA EM EDITH STEIN

Nas seções anteriores discutiu-se o papel da empatia no ensino e a importância da afetividade para a aprendizagem em qualquer idade. Nesta seção o objetivo é apontar pistas para se pensar um ensino da Teologia que considere a afetividade por meio do entendimento sobre a empatia.

Ao tratarmos de empatia e afetividade, considerou-se os sentimentos e a expressividade deles enquanto parte do processo de se captar a experiência do outro. Nesse sentido viu-se ainda, ao tratar sobre os graus do ato de empatizar, que, embora empática, nem sempre a pessoa chega ao “cume” do ato empático, ou seja, pode-se interromper o processo da empatia por ausência de um movimento interior que o leve a alcançar o último grau, o terceiro, aquele no qual se compreende, sabe e se experimenta a vivência do outro.

Que papel o professor pode exercer nesse sentido? Trata aqui de se pensar, em primeiro lugar, que o lado emocional-afetivo não deve desaparecer no ensino. Assim, o estudante não deve ser visto nunca

somente do ponto de vista intelectual, mas como ser integral, que na aprendizagem experiencia o mundo e aprende enquanto sente e estabelece vínculos com os outros seres, por meio dos quais apreende um conteúdo cooriginário.

Assim, pode-se pensar que se tem, como ponto de partida, a possibilidade de estimular a expressão dos sentimentos no processo de aprendizagem tanto por parte do professor quanto do estudante. Daí também importa fazer a distinção entre aqueles da dimensão física e psíquica, bem como daqueles que possam estar relacionados a fatores “exteriores” à aprendizagem daqueles que podem se relacionar intimamente com o conteúdo trabalhado e a reação que, diante deles, os estudantes podem apresentar, bem como a relação de afeto que o próprio professor tem com o tema trabalhado em cada etapa da aprendizagem.

A corporeidade é meio para a manifestação do interior e não deve ser esquecida no processo de aprendizagem.

Essa possibilidade de não se ignorar o lado afetivo deve se realizar de maneira concreta, visto que se pode perceber que o outro está a experimentar algo, mas não avançar nesse sentido, deixando de concretizar a empatia. Assim o professor pode se colocar enquanto mediador desse processo, estimulando que o estudante conheça a possibilidade de expressar, com clareza e liberdade, considerando também os sentimentos, o que experiencia durante a aprendizagem.

Assim também o professor, ao ensinar, deve permitir que seu comportamento expresse aquilo que também ele vivencia no processo de aprendizagem. A linguagem é caminho para confirmar aquelas expressões que, na singularidade de cada um, se manifestam de diferentes maneiras e por isso, falar sobre aquilo que se experimenta pode fazer parte desse estímulo ao terceiro grau da empatia.

Um outro aspecto a se considerar é que, uma vez que é diante do outro que se possibilita novas apreensões do outro e de si, num contexto acadêmico em que se tenha uma relação não apenas entre o professor, mas também do estudante e outros, que se haja um espaço concreto para manifestação entre eles no contexto da aprendizagem. Esses momentos também devem ser mediados pelo professor para que se estimule que se procure aprender sempre numa relação de cooriginariedade de experiências, de se ampliar a percepção do que é próprio e do que é do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A empatia, segundo Edith Stein, possibilita de maneira singular a percepção da singularidade e a compreensão da alteridade. A capacidade de empatizar é uma característica própria do ser humano e nela está a possibilidade de uma formação única a partir da vivência com o outro. A empatia nos coloca diante da possibilidade de experimentar, de maneira cooriginária, o que o outro experimenta.

Ao tratar de empatia, somos levados ao campo dos sentimentos e deles aos afetos. A afetividade é fundamental no processo de aprendizagem, quando se considera uma formação do ser em sua integralidade. Ao pensar no ensino da Teologia, considera-se que não é necessário, antes, temerário, excluir a afetividade do conhecimento por ela possibilitado. E isso também quando se pensa a partir do objeto de estudo da Teologia.

Por fim, considerando-se a compreensão sobre como se dá a empatia, é possível encontrar pistas para um ensino afetivo que, do estímulo a levar que os estudantes (e também o professor) alcancem o

último grau do ato empático, possibilitem esse conhecimento cooriginário. A abertura às manifestações emotivas-afetivas para um ensino empático, passando pela corporeidade, deve-se fazer presente na aprendizagem, e a linguagem pode auxiliar a confirmar aquilo que, pela singularidade das manifestações, pode dificultar o esclarecimento do que o outro experimenta.

REFERÊNCIAS

- BAREA, Rudimar. **O tema da empatia em Edith Stein**. Orientador: Silvestre Grzibowski. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Filosofia, Área de concentração em Filosofia Teórica e Prática, Universidade Federal Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Agosto de 2015.
- BOFF, Clodovis. **Teologia e espiritualidade: por uma Teologia que ilumine a mente e inflame o coração**. Revista Pistis Praxis, 7(1), 112-141. 2015.
- CARASIN, Helen; CASARIN, Samuel. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Editora Intersaberes, 2012.
- DULLIUS, Vera Fátima; PERETTI, Clélia. **A Arte de Educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein**. 1. ed. Curitiba, PR: Editora Prismas, 2018.
- PARISE, M. C. I. . **Individualidade, corporeidade e percepção do outro: ato empático em Edith Stein**. In: Clélia Peretti; Vera Dullius. (Org.). Individualidade, corporeidade e percepção do outro: ato empático em Edith Stein. 1. ed. Curitiba, PR: Editora Prismas, 2018, v. 1, p. 79-129.
- PERETTI, Clélia. **Pedagogia da empatia e o diálogo com as ciências humanas em Edith Stein**. Revista da Abordagem Gestáltica - XVI(2): 199-207, jul-dez, 2010.
- PERETTI, Clélia. **A educação em Edith Stein: breve análise histórica e conceitual**. In: Clélia Peretti; Vera Dullius. (Org.). Individualidade, corporeidade e percepção do outro: ato empático em Edith Stein. 1. ed. Curitiba, PR: Editora Prismas, 2018, v. 1, p. 25-49.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- RIBEIRO, M. L. **A afetividade na relação educativa**. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 27, n. 3, jul./set. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3tFxMyS>. Acesso em: 27 abril. 2022.
- SANTOS, Dineide Sousa dos. **A relação afetiva educativa entre o professor e o aluno como artifício facilitador do processo de ensino e aprendizagem, diálogos a partir de Henry Wallon**. 2015. 66 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.
- SOARES SILVA, A. DE S.; RIBEIRO, M. L. **Relação professor-estudante no ensino superior: uma revisão de literatura**. Educação Por Escrito, v. 11, n. 1, p. e34309, 20 jan. 2020.
- STEIN, Edith. **Sobre el problema de la empatía**. Prefácio, tradução e notas de José Luis Caballero Bono. Editorial Trotta, Madrid, 2004.